



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista de Paulo Franchetti

Revista Metrópole, 10 de maio de 2009

Disponível em:
<http://www.cpopular.com.br/metropole/conteudo/mostra_noticia.asp?noticia=1632871&area=2230&authent=5ECD9BAF5473025FFF9A9D5541036D>. Acesso em: 4 mar 2010.

Publicada em 10/05/2009

Revista Metropole

Palavra como companheira

Letras: escritor, professor de Teoria Literária na Unicamp e editor, Paulo Franchetti conversa sobre livros, autores e histórias

Josiane Giacomini Alves

josiane@rac.com.br

O avião ainda taxia na pista e o celular e laptop, por segurança, estão desligados. Até o desembarque, só papel e caneta são a ponte entre o pensamento e a escrita. Esta é só uma das situações em que o escritor Paulo Franchetti, de 54 anos, entra em cena. “Ensaio tenho que escrever em qualquer horário, lugar, onde dá.” E admite: as coisas que já escreveu assim, no afã de uma limitação, são as de que mais gosta, pois

sempre estão relacionadas ao momento em que não se pode ler e-mail, o telefone não toca e não há ninguém lhe pedindo nada.

Franchetti exerce atividades distintas, mas que se interligam. Além de escritor, é professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Autor de inúmeros livros, artigos e resenhas, está à frente da Editora da Unicamp há sete anos. “Fui aprendendo e peguei gosto”. Na atividade, reconhece, há uma figura central: o amigo e também editor Plínio Martins Filho, que atua nas editoras Ateliê e Edusp. “Fui formado como editor por um editor profissional. Sou um aprendiz.” A mesma coisa vale para a docência. O professor e poeta Alcides Vilaça é seu norte. “Foi o melhor professor que eu tive na minha vida. Para mim, é um modelo de intelectual”. Aliás, diz, decidiu ser professor, de fato, quando fez um curso de Vilaça.

Metrópole - Falando das atividades que exerce, como uma ajuda na outra?

Paulo Franchetti - Acho que a atividade fundamental é a de professor. Essa atividade ajuda nas outras. Para ser autor, não só de ficção, poesia, mas de textos ensaísticos, sempre tenho em mente que escrevo para um público amplo. Como ensaísta, continuo sendo professor. Como editor, acho que me benefico de várias coisas, porque o fato de ser professor, me ajuda a ser editor. Mas o fato de ser editor me coloca em contato com tanta gente diferente que vem discutir os livros comigo, que isso refluí para a minha carreira de professor, de escritor, um pouco de tudo.

E o convívio com os alunos?

É muito legal. Nunca dou aula repetida. Nunca dou um curso que já dei. Leio com os alunos, debato sobre a literatura de hoje ou do passado, tanto faz. Isso dá um retorno danado, porque a sensibilidade dos alunos é diferente da nossa. Esses caras, que estão com 18 anos, é gente que vive num outro mundo. Não tem nada a ver com o mundo em que me eduquei. Um mundo diferente, eletrônico, da internet. A relação que eles têm com a tradição, com a leitura, é muito diferente.

O senhor gostaria de ser um escritor mais assíduo?

Poderia ser talvez um escritor mais atuante, se não fosse um professor e orientador, e não estivesse na editora. Mas não acho que é verdade. Acho que é uma ilusão pensar que se parasse tudo, se só me dedicasse à literatura, escreveria mais do que escrevo hoje. É um temperamento. Acho que não sou bem um escritor. Sou uma mistura das três coisas. Faço mediamente cada uma delas. Se desistisse de duas, não seria excelente na outra.

Quando o senhor começou a escrever?

Quando tinha 15 anos. Tive uma professora notável. Ela me colocou em contato com obras de poetas importantes, que eu não conhecia. Só conhecia as coisas que havia na minha casa. Tinha livros que o meu pai lia, todos os poetas românticos brasileiros, tinha Dante Alighieri. Lia só isso. No primeiro colegial, a professora me colocou em contato com Drummond de Andrade, Pablo Neruda, um monte de escritores, que naquele tempo me deixaram muito impressionado.

O que normalmente o move a escrever?

Tenho uma encomenda ou um problema que preciso resolver, surge uma questão num curso a partir da pergunta de um aluno ou de uma coisa que percebo que eu não sabia. Aí chego em casa e vou escrever um artigo. Literatura eu escrevo quando tenho um problema, quando estou angustiado com alguma coisa, estou triste, sofrendo de alguma forma. Tem até uma função terapêutica. Olho para aquilo e digo: “Então era isso que estava me angustiado?” Por isso acho que não consigo escrever romance. Depois que passa aquela angústia, paro a história no meio e deixo parada. Uma vez, escrevi doze páginas de uma história e resolvi o problema. Sumiu a continuidade e não consegui terminar até hoje. Haicai para mim é terapêutico. Muita gente diz que escreve porque tem necessidade de se expressar. Eu não. É mais para conseguir me livrar daquilo, dos fantasmas na vida da gente, dos amores que não deram certo ou dos que deram e depois não continuaram por alguma razão.

Ser professor de literatura pressupõe conhecer e ler muito, não?

Na verdade, acho que leio pouco. Como tenho que dar aulas, orientar os alunos, administrar a editora, fazer muitas conferências e artigos - ano passado, fiz 20 conferências e 14 artigos -, o tempo da escrita consome muito o da leitura. Tenho lido muito em profundidade, mas muito pouco em quantidade.

A editora, por sua vez, exige leituras específicas?

Ano passado, quando eu devia fazer uma nova edição de Dom Casmurro, pois era o ano do Machado, passei seis meses nisso. Li umas três vezes o romance e toda a bibliografia que se escreveu

sobre o Machado, desde que o livro foi lançado. Trinta livros, mais coletâneas de artigos. Tudo, até ontem. Escrevi um livro, com uma introdução de 90 páginas, em que vou apresentando tudo o que se falou de importante sobre aquele livro, para depois lançar a minha hipótese de leitura. Um trabalho difícil, até porque tanta gente inteligente escreveu sobre esse livro e aí, de repente, você é obrigado a lançar uma coisa nova, depois de fazer esse percurso todo. Foi assim também com Iracema, de José de Alencar. Passei um ano lendo aquele livro e tudo que se diz respeito a ele.

E quanto à leitura. É comum desistir no meio?

Muito! Se for até o fim, sem pular pedaços ou não largar no meio do caminho, esse livro é de algum interesse. O que mais me faz desistir de um livro, tanto de poesia quanto prosa, é perceber que o autor não tem nada a dizer. Esquisito dizer isso. Pessoalmente, como leitor, acho que se alguém se dispõe a escrever algo é porque tem alguma coisa importante a fazer ou a dizer.

Então a boa literatura pressupõe...

Que o texto responda a duas perguntas. O que ele está fazendo - a sua forma, a sua apresentação - e o que tem a dizer para mim, que emoção produz. A melhor literatura, se responder a uma dessas questões convincentemente, acho que é boa. Só é de fato literatura plena, se aquilo que o autor diz e a forma como diz estão juntas.